

mercado folha em defesa da energia limpa



Funcionários em fábrica de painéis solares em Hailan, na China 21/03/2023

Investimento em energia limpa amplia dependência da China

País tem 80% do mercado de energia solar e domina 3/4 da capacidade de baterias para carros elétricos

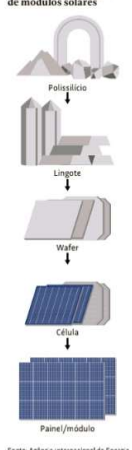
Thiago Amâncio

SAO PAULO Esforços de países para reduzir suas emissões de poluentes e investir em energia limpa tornaram as economias globais ainda mais dependentes da China, que não só domina de forma ampla o setor comum tem expandido sua capacidade industrial a passos largos. Com 80% do mercado global de energia solar, incluindo painéis que custam a metade do preço do que os produzidos em outros locais, além de três quartos da capacidade de produção de baterias para carros elétricos e a maior empresa do mundo do setor, a BYD, mas também outras marcas fabricadas no país, como Tesla, BMW e Renault.

“Os mercados globais agora estão inundados com carros elétricos mais baratos. E seu preço é mantido artificialmente baixo por enormes subsídios estatais”, disse a presidente do braço executivo da UE, Ursula von der Leyen. A China detém hoje 75% da capacidade de produção de baterias de íon-lítio, usadas nos veículos elétricos, somando 1,2 TWh, segundo a AIE (Agência Internacional de Energia). No fim do ano passado, a Comissão Europeia abriu investigação para avaliar a imposição de tarifas punitivas de importação para proteger fabricantes europeus contra os veículos chineses — incluindo não só a maior empresa do mundo do setor, a BYD, mas também outras marcas fabricadas no país, como Tesla, BMW e Renault.

“Os mercados globais agora estão inundados com carros elétricos mais baratos. E seu preço é mantido artificialmente baixo por enormes subsídios estatais”, disse a presidente do braço executivo da UE, Ursula von der Leyen. A China detém hoje 75% da capacidade de produção de baterias de íon-lítio, usadas nos veículos elétricos, somando 1,2 TWh, segundo a AIE (Agência Internacional de Energia). No fim do ano passado, a Comissão Europeia abriu investigação para avaliar a imposição de tarifas punitivas de importação para proteger fabricantes europeus contra os veículos chineses — incluindo não só a maior empresa do mundo do setor, a BYD, mas também outras marcas fabricadas no país, como Tesla, BMW e Renault.

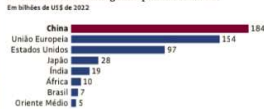
Processo de fabricação de módulos solares



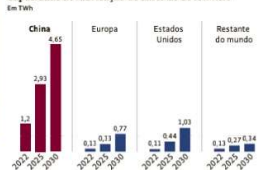
Fonte: Agência Internacional de Energia

China domina mercado mundial de energia limpa

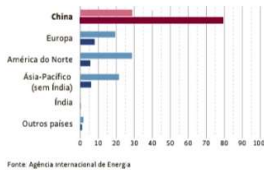
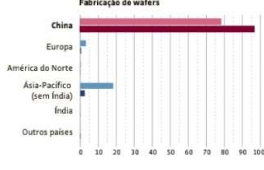
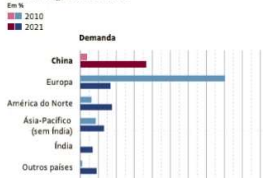
Investimento em energia limpa de 2019 a 2023



Capacidade de fabricação de baterias de íon-lítio



Demanda e capacidade de fabricação de tecnologia fotovoltaica



Fonte: Agência Internacional de Energia

de carbono em 2060. Em 2010, 3,5% da demanda global por módulos solares vinha da China. Em 2021, essa proporção saltou para 36,4%.

De acordo com a Wood Mackenzie, o módulo solar produzido na China é hoje 50% mais barato do que se fosse feito na Europa e 65% mais em conta do que nos Estados Unidos. No Brasil, segundo estimativa da Abiodar (Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica), a diferença é também de 50% — ou seja, painéis fabricados nacionalmente custam o dobro dos chineses.

“Em razão de políticas públicas industriais, a China tem um hub industrial muito significativo e produz todos os componentes utilizados em painéis. Se um fabricante brasileiro quer montar um módulo aqui no Brasil, ele tem de importar praticamente todos os componentes, o vidro, a célula, os componentes eletrônicos. É pago imposto em cima dessa matéria-prima”, diz Rodrigo Sautua, presidente-executivo da Abiodar.

Os riscos de concentrar um importante setor da economia em um único país ficaram evidentes na pandemia, quando as políticas de Covid zero ao longo de 2021 e 2022 fecharam fábricas na China, e na Guerra da Ucrânia, quando parte da Europa dependia de gás natural russo.

“É sempre arriscado que um fornecedor crítico de energia esteja fortemente concentrado em um único país, como vimos na recente crise energética na Europa”, diz à Folha Eliana Pierre, pesquisadora da Wood Mackenzie. “Mas será quase impossível para os países investirem em energia solar a curto prazo sem usar produtos chineses”.

Ela cita queda na instalação de módulos solares na Europa após a União Europeia adotar barreiras antidumping e antissubsídios, entre 2017 e 2018. Após a remoção de barreiras, as instalações passaram de 11 GW em 2018 para 23 GW em 2019, afirma.

Países como Índia, Turquia e EUA restringem a importação de componentes chineses para incentivar a produção doméstica, mas ainda dependem da importação de polissilício, wafers e células, diz ela. Mesmo quem tem acesso a esses materiais depende de outros insumos chineses, o módulo temperado e módulos de alumínio.

O governo chinês disse publicamente que considera proibida a exportação de maquinários usados para produzir insumos. “A China já detém 96% da capacidade global de fabricação de wafers, e isso, sem dúvida, tornaria mais difícil para outros países construir sua própria capacidade. Este é o grande risco de depender da tecnologia de um único país”, diz Pierce.

A América Latina se tornou um dos principais polos de investimento chinês em energia limpa.

Segundo análise do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), há 35 usinas solares e eólicas de empresas chinesas em operação, construção e planejamento no Brasil, na Argentina, no Chile, na Colômbia e no México.

Entre 2019, diz o Ipea, a capacidade eólica controlada por empresas chinesas na região passou de 1,6 GW para 3,1 GW. A capacidade solar, por sua vez, quadruplicou, de 363 MW para 1,4 GW.

“A China, como o Brasil e outros países dos Brics, tem um projeto de ganhar mais espaço na governança global. O investimento em energia limpa é uma maneira de influenciar no debate global”, diz à reportagem um dos autores do estudo, Marco Aurélio Alves de Mendonça.

“A China investe muito em hidrelétricas no exterior, mas em países pequenos muitas vezes isso não é viável. E as pequenas fazendas eólicas e fotovoltaicas acabam resolvendo muitos dos problemas reais nesses países”, afirma.